calazans@oglobo.com.br

FERNANDO CALAZANS

O outro cenário da seleção

Depois do placar de 7 a 1, goleada da Alemanha sobre o Brasil na Copa do Mundo de 2014, o que todos, ou quase todos, esperávamos era que o futebol brasileiro — CBF, federações, clubes, técnicos, jogadores — chegassem à conclusão de que deveríamos recomeçar do zero. Mas a escolha imediata de Dunga e Gilmar para comandarem a seleção causou a primeira decepção. Outras se seguiram até hoje.

Como ocorre nestas Eliminatórias da próxima Copa, em que vamos patinando na sexta colocação, atrás por exemplo de Equador e Colômbia. As últimas decepções logicamente têm origem na primeira delas, citada ali em cima.

Mesmo sem querer formular um julgamento definitivo da carreira de Dunga, que ainda tem caminho pela frente, a pergunta que deveria ser feita, e que certamente não teria resposta, era a seguinte: o que fizera ele até o momento em que foi escolhido pela primeira vez, em 2006? E mesmo até o momento de hoje, para (re)assumir o cargo de técnico da equipe que é a maior representação do futebol brasileiro? Qual é o seu histórico, qual é o seu currículo? O fracasso anterior na Copa de 2010? Alguma sequência de trabalho nos clubes brasileiros?

Mas quem escolheu a dupla Dunga-Gilmar? A nossa CBF, na pessoa de seu (então) presidente José Maria Marin, "uma autoridade em futebol", se me permitem a ironia. No momento mais delicado, dramático e desfavorável do futebol brasileiro — diante da necessidade de um recomeço — o nome escolhido para a nossa seleção foi Dunga.

E como anda nossa seleção depois disso? Anda em sexto lugar nas Eliminatórias aqui da América do Sul. Nada de Alemanha, Holanda, Espanha, Itália ou Inglaterra. Andamos em sexto aqui mesmo, no nosso continente.

O empate com o Paraguai (2 a 2) na última terça-feira foi um retrato desta seleção — que, a cada partida, vive de lampejos e arroubos de um ou outro jogador. A qualquer instante, um deles pode inventar uma jogada, como Daniel Alves no fim do jogo, e marcar o gol de empate. Só isso. No primeiro tempo, enquanto o Paraguai dominava o terreno, um único jogador brasileiro teve lampejos: Willian. O jogo coletivo da seleção estava, como depois dos 7 a 1, no zero. O time não tem tramas, combinações. Joga por improviso.

Só chegamos ao empate no segundo tempo, porque o Paraguai fez tudo certinho, como manda o figurino, para perder o jogo. Em plena vigência de um futebol ousado e criativo, como o de hoje, o Paraguai foi com todos os jogadores para trás, para a defesa, repetindo um dos vestígios mais significativos do futebol antigo, superado, e cedendo o campo inteiro para o Brasil avançar e pressionar.

O cenário internacional em que atua a seleção brasileira mudou muito. Antes, em 90 por cento (ou mais) de seus jogos, o Brasil entrava em campo como favorito, para enfrentar adversários amedrontados, lutando para perder de pouco ou, se possível, para empatar. Hoje, a seleção brasileira de Dunga, de Gilmar, dos atuais jogadores e desta CBF sem governo e sem direção, é (quase) um adversário como tantos outros, pode ser a Argentina, o Paraguai, o Equador ou a Bolívia. Não impõe mais o temor. E tem de começar do zero. Ainda.

Nos clubes também

Para confirmar o juízo de que o futebol brasileiro não vai bem das pernas — em clubes também —, temos as declarações de Jorginho e Muricy Ramalho, dois técnicos respeitáveis, depois do empate de 1 a 1 entre Vasco e Flamengo. Jorginho definiu o jogo como "emocionante, eletrizante". Muricy disse que foi um jogo "legal de se ver".

Houve, sim, momentos emocionantes, lances bom de se ver, o que aliás é o mínimo que se espera de um Flamengo x Vasco. Mas isso em meio a toda sorte de cotoveladas, agarrões, puxões, faltas, entradas desleais e outras cafajestadas que povoam nossos campos, há algum tempo, sem que nada se faça para coibir esses vícios e trazer de volta o nosso futebol de talento e criatividade.

Neste ambiente, é claro que Guerrero, de um lado, e Rodrigo de outro, foram os "astros". Guerrero agarra, empurra e reclama durante todos os jogos. Gol, que é bom, ele não tem feito. Aliás, tem desperdiçado. Rodrigo — por coincidência, o capitão do Vasco — é o exemplo completo desse futebol de provocações, discussões, reclamações e agarrões. Para ele, é assim que se joga. É de se estranhar que técnicos, chamados de "professores", aprovem um futebol assim, a ponto de lhe dar a faixa de capitão.

Oportunidades de gol contribuíram para salvar o espetáculo, e então apareceram dois dos melhores em campo: Martín Silva no primeiro tempo, Paulo Victor no segundo. Mas treinadores, assim como os críticos, têm obrigação de ser mais exigentes com a qualidade do jogo. Porque, do contrário, vamos acabar aplaudindo esse futebol da nossa seleção. ●

CAMPEONATO CARIOCA

Novo clássico

BIENVENIDOS

Muricy terá reforço importado no Flamengo para o jogo contra o Botafogo, amanhã: Cuéllar já está confirmado, e Mancuello, recuperado, também pode reaparecer

Satisfeito com a atuação do time no empate (1 a 1) contra o Vasco, o técnico Muricy Ramalho pode ter ainda mais motivos para sorrir. O volante Cuéllar, que ficou fora do jogo por ter sido convocado pela seleção colombiana para a disputa das eliminatórias da Copa do Mundo de 2018, tem presença confirmada contra o Botafogo, amanhã, às 16h, em Juiz de Fora, pelo Campeonato Carioca. E tem mais: são boas as chances de o argentino Mancuello voltar à equipe no clássico.

Sexto colocado na Taça Guanabara, o Flamengo (cinco pontos) precisa vencer o Botafogo e torcer por tropeços do Volta Redonda (seis), que enfrenta o Vasco, e do Boavista (seis), que joga contra o Bangu.

A situação de Cuéllar é tranquila, já que ele não atuou na última partida apenas porque não tinha como chegar a tempo de enfrentar o Vasco, como Guerrero — o peruano chegou horas antes do jogo, embarcando num avião de carreira após ser liberado pela seleção do Peru, em Montevidéu.

Em relação a Mancuello, sua escalação não está confirmada e ainda vai depender de uma avaliação da comissão técnica hoje. O meia treinou com bola ao lado dos demais jogadores, ontem à tarde, no Ninho do Urubu. Ele não joga desde 28 de fevereiro, quando sofreu lesão no joelho direito na goleada por 5 a 0 sobre o Resende.

Os titulares não treinaram — à exceção do goleiro Paulo Victor, que fez musculação. Os demais participaram de um treino técnico, inclusive Alan Patrick e Marcelo Cirino.

MAIS BRASÍLIA

O governo do Distrito Federal confirmou ontem que o Flamengo voltará a mandar jogos no Estádio Mané Garrincha, em Brasília. Até o momento, já estão confirmadas três partidas do Campeonato Brasileiro, contra São Paulo, Cruzeiro (no primeiro turno) e Grêmio (no segundo). O acerto entre a diretoria rubro-negra e o governo aconteceu antes do jogo contra o Vasco.

Outra opção do Flamengo no Brasileiro e na Copa do Brasil é o Estádio Raulino de Oliveira, em Volta Redonda, já que o Maracanã só estará liberado em outubro. ●

GILVAN DE SOUZA/FLAMENGO

Expectativa. Mancuello treina com bola no Ninho do Urubu: o meia argentino pode reforçar o Fla contra o Botafogo

PROCURADOR DO STJD

CLUBES PEDEM IMPEACHMENT DE SCHMITT

O procurador-geral do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), Paulo Schmitt, teve seu afastamento pedido ontem em um abaixo-assinado com a participação de 11 grandes clubes brasileiros. Santos, Grêmio, Atlético Mineiro, Palmeiras, Corinthians, São Paulo, Cruzeiro, Internacional, Vasco, Fluminense e Flamengo assinam o documento, que também pede o banimento total de Schmitt de qualquer cargo no futebol brasileiro, como informou o blog Panorama Esportivo, do GLOBO.

O texto foi produzido num encontro de dirigentes de cerca de 30 clubes sul-americanos no estádio do Morumbi, em São Paulo, e será enviado à CBF. Entre as justificativas, eles argumentam a alternância de poder, já que Schmitt está no cargo de procurador-chefe há 10 anos, além do fato de ele ter sido envolvido no escândalo dos ingressos da Copa de 2014.

"Cumpre destacar que os episódios nos quais o Dr. Paulo Marcos Schmitt foi implicado, notadamente os que dizem respeito à utilização de ingressos para a Copa do Mundo de 2014, no Brasil, bem como a influência de terceiros em decisões de competência da Justiça Desportiva do Futebol, lamentavelmente colocam em xeque sua imparcialidade e isenção devidas no exercício de sua função", diz um trecho do abaixo-assinado, que não contou com a assinatura do Botafogo.

Schmitt ocupa o cargo desde 2006 e é o responsável pelas principais acusações disciplinares da Justiça esportiva.

Alvinegro pode tornar mais grave situação do rival

Mais de um ano depois, Botafogo e Flamengo voltarão a se enfrentar amanhã, em Juiz de Fora. No último confronto, também pelo Carioca, o alvinegro venceu o rival por 1 a 0, com gol de Tomás. Daquela vez, a partida foi no meio da Taça Guanabara e teve pouco impacto na classificação. Agora, o cenário é diferente. O time de General Severiano tem sete pontos e aparece em terceiro lugar, dentro da zona de classificação às semifinais. Já o rubro-negro está em sexto, com cinco pontos, ameaçado de ficar fora da fase decisiva.

No que depender do Botafogo, a situação do adversário ficará ainda pior após amanhã.

— Jogo contra o Flamengo é sempre decisivo. Sabemos da rivalidade entre os clubes, entre os torcedores. Vamos entrar em campo com raça e disposição. Respeitamos o Flamengo, mas precisamos vencer. É muito importante para nós. Vai nos dar um gás para a sequência do campeonato. É sempre um jogo muito bom de se jogar. É um jogo que não precisa de preleção. Foi, inclusive, tema da fala do Ricardo Gomes contra o Volta Redonda. Temos que dar a vida dentro de campo. Já podemos ver isso nos olhos dos jogadores. Todos estão ansiosos para entrar em campo — disse o goleiro e capitão Jefferson.

SEM BRONCA COM ARÃO

A rivalidade não terá um rosto, garante Jefferson. No caso, seria o de Willian Arão, que saiu do alvinegro após litígio judicial e assinou com o rival.

— Mas nosso jogo não é contra o Arão. É contra o Flamengo. Respeitamos o Arão, é um grande jogador, nos ajudou muito no ano passado. Muitos aqui são amigos íntimos dele — amenizou. ●

Vaga de Jorge Henrique é disputada

O Vasco não terá o atacante Jorge Henrique para domingo contra o Volta Redonda. Jorginho não terá de se preocupar tanto. Para substituí-lo, o treinador terá algumas opções. Como Éder Luís, recuperado de trauma no tornozelo esquerdo. Ontem, ele voltou aos treinos com os companheiros e está liberado. A sua participação no jogo dependerá da avaliação da comissão técnica.

Se Éder não estiver 100%, Jorginho tem uma carta na manga. O jovem atacante Caio Monteiro, de 19 anos, tem se destacado nas partidas que tem entrado. No clássico com o Flamengo, anteontem, seu desempenho foi elogiado. O garoto tem a seu favor o fato de fazer a mesma função tática de Jorge Henrique. ●

Final da Primeira Liga será em JF

O Fluminense anunciou ontem que o jogo com o Atlético-PR que decidirá o campeão da Primeira Liga será em Juiz de Fora, no Estádio Radialista Mario Helênio. A data, no entanto, não foi confirmada. O desejo dos clubes é que seja no dia 21 de abril, feriado de Tiradentes. Manaus e Cariacica, no Espírito Santo, também haviam sido cogitadas, mas a questão da proximidade foi decisiva.

— A final será em Juiz de Fora. Estamos trabalhando para que seja quinta à tarde. Como tem o feriado, os torcedores podem viajar e retornar no mesmo dia ao Rio. Tem jogo do Carioca no sábado e precisamos ajustar tudo, de modo a facilitar a vida do nosso torcedor — disse o presidente tricolor Peter Siemsen. ●